

# O (re)conhecimento da tradução em sala de aula: sobre uma experiência prática com tradutor automático online

Maria José Damiani Costa<sup>1 2</sup>

Meta Elisabeth Zipser<sup>1 2</sup>

Silvana Ayub Polchlopek<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Catarina

<sup>2</sup>Universidade de São Paulo

<sup>3</sup>Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Resumo:** *Este artigo tece reflexões sobre a prática tradutória com ferramentas de tradução online (tradutores digitais), partindo do processo e resultados de uma atividade realizada com alunos de graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Num primeiro momento, apresenta-se um panorama histórico do surgimento da tradução automatizada, enfatizando a diferença entre tradutores digitais e ferramentas de auxílio à tradução (CAT Tools) para, então, discutir o processo de construção de sentidos no texto, considerando-se Bakhtin (2003) e Nord (1991), dificilmente contemplado por essa modalidade de tradução. Uma terceira etapa descreve a atividade realizada em sala, partindo de um texto-referência em língua portuguesa, versado para inglês, espanhol e alemão com o auxílio do Google Tradutor. Da perspectiva funcionalista alemã para os estudos tradutórios, destacam-se as limitações sintáticas, semânticas e pragmáticas das versões produzidas por essa ferramenta, bem como suas implicações para o processo de tradução e para o trabalho do tradutor.*

**Palavras-chave:** *Tradução automática. Ferramentas de tradução. Prática tradutória funcionalista.*

## Introdução

Nos fóruns de debates entre profissionais da área de ensino de línguas estrangeiras, a tradução representa uma temática de conflito, marcada pelas antigas práticas pedagógicas de paradigmas estruturalistas sobre a aquisição de línguas estrangeiras (LE) e, conseqüentemente, seus reflexos nas atividades em sala. Somente a partir da década de 90 as novas concepções sobre texto, gêneros e tipologias textuais, práticas sociais e suas ressonâncias no ensino de LE, devolvem à tradução seu *status* no processo

ensino-aprendizagem de LE e na formação do profissional da linguagem. Esse reconhecimento é perceptível nos cursos de graduação em Letras e na gradativa implantação de cursos de pós-graduação em Estudos da Tradução nas universidades brasileiras.

Esse repensar, da importância da tradução na formação de futuros docentes, abre novos olhares sobre o fazer tradutório, seus distintos caminhos teóricos, reflexões nas investigações e o diálogo com novas tecnologias, como os tradutores automáticos. Contemplando esse cenário menos conflitivo e plural, buscar uma única definição para a prática tradutória entre profissionais da área é bastante complexo, considerando que estará sempre vinculada a conceitos e parcerias teóricas, cujos princípios epistemológicos inevitavelmente convergem para determinada perspectiva em relação à prática. Porém, as novas tecnologias aplicadas à tradução, em especial à prática com tradutores automáticos online, convergem para um conceito em comum entre tradutores e o público consumidor das novidades da informática: um programa relativamente bom é aquele com número razoável de expressões e verbetes em seu banco de dados para que a tarefa de traduzir se torne – aparentemente – simples, fácil, sem exigir maiores considerações por parte do usuário dessas ferramentas e por acreditarem não haver necessidade da interferência de um tradutor humano. Essa simplicidade aparente se deve por mecanismos mais sofisticados e difundidos no mercado on-line e pelo fato de os usuários resumirem a atividade tradutória na decodificação das palavras e aplicação da gramática, ou seja, um olhar formalista sobre a construção de sentidos.

O olhar funcionalista, por outro lado, mostra que as ferramentas de tradução automática ainda apresentam limitações, advindas do desconhecimento da máquina sobre o entorno sócio-histórico-cultural dos textos fonte e meta, reduzindo a construção do sentido a questões pontuais que muitas vezes distorcem o significado intencionado pelo texto-fonte. Além disso, a incapacidade da máquina de gerar considerações sobre peculiaridades sintáticas, semânticas e pragmáticas inerentes a qualquer idioma também apresenta um resultado tradutório de pouca qualidade. De modo geral, podemos afirmar que por

melhores que sejam os bancos de dados e os avanços na área da Inteligência Artificial, os tradutores automáticos não são tão universais quanto parecem ser.

Neste artigo, apresenta-se o resultado de uma reflexão proposta aos alunos de graduação em Letras através de uma atividade tradutória com textos produzidos pelo tradutor automático. Destacamos que esses alunos, com idades entre 19 e 22 anos, são usuários de tecnologias e compartilham a crença de que traduzir é decodificar palavras e realizar suas transposições para outro idioma.

### **Contextualização da tradução automática: trajetória**

A tradução automática surgiu paralela à Ciência da Computação nos anos 40, desenvolvendo-se rapidamente após a II Guerra e durante a Guerra Fria pelo interesse de ingleses e norte-americanos nas informações científicas da antiga União Soviética.

Segundo Alfaro e Dias (1998) e Garrão (2001), esse crédito deve-se a Booth e Warren Weaver. Ambos desenvolveram uma calculadora científica que traduzia palavra por palavra, sem considerar questões sintáticas ou lexicais, permitindo ao usuário verificar a tradução de uma lista de palavras-chave acessando, parcialmente, o conteúdo do texto. Posteriormente, foram adicionadas informações de ordem gramatical e sintática do Russo, acelerando a consulta. Na década de 50, Weaver (GARRÃO, 2001) automatizou o contexto dos termos, tentando solucionar ambiguidades semânticas, pois acreditava que os circuitos lógicos das calculadoras compreenderiam os elementos lógicos da linguagem, delimitando a área de conhecimento do termo.

A primeira experiência bem sucedida com tradutores automáticos, por meio de um computador, ocorreu em 1954 em Georgetown. A operação consistia de 250 palavras e seis regras sintáticas que, segundo Alfaro e Dias (1998), marcou o entusiasmo por programas de tradução ativados por regras de conversão entre idiomas, pressupondo que a formalização das gramáticas e dicionários poderia abranger a cultura e o contexto

do idioma. Logicamente, a equivalência um-para-um limitava os programas que não contemplavam a evolução natural das línguas.

Nos anos 80, a tradução automática voltou a ganhar crédito com os novos avanços da tecnologia de informação e o desenvolvimento de teorias da Linguística Formal, Semântica e processamento informatizado de línguas naturais com base em gramáticas de análise e de geração (ALFARO; DIAS, 1998). Assim, a inteligência artificial (IA) e a tradução automática ganharam destaque por razões pragmáticas. Seus usuários passaram a valorizar o programa de tradução, favorecendo o desenvolvimento de aplicativos e ferramentas automatizadas com o mínimo de intervenção humana. Um exemplo é o Google Tradutor, considerado em 2010 a ferramenta mais avançada (quase universal) para a tradução de textos, segundo a Veja (PAVÃO JÚNIOR, 2010).

Recentemente Fabio M. Said, tradutor profissional, comenta na Revista Língua Especial Tradução & Linguagem (2012, p. 14-19) sobre eventuais benefícios dessas ferramentas. Porém também alerta e conscientiza o leitor sobre perigos e implicações desse tipo de tradução, pois nem todo texto se adequa à tradução automática como ferramenta de auxílio. É indicado que sejam textos de vocabulário controlado, pouca complexidade linguística e alguma repetição. Perissé (2012, p. 63) compara ainda os tradutores automatizados com uma linha de montagem na qual os inputs do software vão, literalmente, traduzindo em blocos, resultando uma colcha de retalhos, um desempenho pasteurizado, pois “tal inteligência não é inteligente, não é lógica - lógica no sentido do termo grego *lógos*, envolvendo linguagem, razão, explicação e capacidade de argumentação”.

Atualmente, o grau de aceitação desses programas é mensurado pela recorrência a revisões prévias e posteriores em relação à tradução. Se o programa apresentar um índice de revisão posterior menor que 20% (uma correção a cada 5 palavras) é aceito. O tradutor humano, por sua vez, otimiza o sistema na prática, localizando erros típicos gerados por esses

programas, segundo Alfaro e Dias (1998), como o que ocorreu na década de 90 com a expansão da Internet.

Empregados por milhões de usuários, os tradutores automáticos online tem exercido papel importante na disseminação, troca e compreensão (mesmo que superficial) de informações. Segundo a Veja, em 2010 o Google Tradutor permitia a tradução instantânea de textos escritos em 52 idiomas, projetando 250 idiomas para os 10 anos seguintes (PAVÃO JÚNIOR, 2010). Segundo a reportagem, o banco de dados do Google começou a ser organizado em 2006 com textos oficiais da ONU vertidos para seis idiomas; dados gerados via Internet e a colaboração dos próprios usuários que sugeriam traduções alternativas àquelas apresentadas pela ferramenta. Hoje a tarefa é expandir o sistema incluindo regras sintáticas que gerem textos gramaticalmente mais fluentes.

Cabe aqui uma distinção quanto ao objetivo de ‘tradutores automáticos’ e ‘ferramentas de auxílio à tradução’ ou CAT Tools: enquanto as ferramentas CAT auxiliam tradutores profissionais, criando bancos de dados ou alinhando sequências textuais, os tradutores automáticos online não tratam o texto, isto é, qualquer um pode utilizá-los sem recorrer ao profissional tradutor. Portanto, as críticas são direcionadas aos programas de tradução automatizados de um modo geral e não as ferramentas CAT, que auxiliam a tarefa de tradução, o estudo e o ensino.

Contudo, as possibilidades dos programas de tradução automática são inegáveis: versão de sites, *chats* de texto, conversão de legendas, tradução simultânea voz-texto-texto-voz. Porém, por melhores que sejam, esses programas não processam a dinâmica das línguas, nem tampouco os processamentos de sentido gerados pelos atos de comunicação simplesmente porque não se pode padronizar a linguagem; ela muda sempre conforme propósitos, práticas sociais, intenções, efeitos desejados pelo emissor e pelo grau de compartilhamento da informação entre os envolvidos, de negociação conversacional. Até o momento, os programas existentes não vislumbram a capacidade de negociação e decisão linguística dos seres humanos.

## **Tradução como prática social: processo de construção de sentidos**

Conforme Bakhtin (2003), quando elaboramos um texto, sua realização se concretiza em um determinado gênero de discurso – primário ou secundário – determinada pela situação real da comunicação discursiva e pela composição pessoal dos participantes que, apesar de sua subjetividade e individualidade, está aplicada à prática social do sujeito. Podemos então depreender que os textos são tecidos por palavras elaboradas no contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade, organizados de acordo com seu propósito discursivo e convenções sociais, ou seja, cada situação comunicativa requer um determinado gênero que fará prevalecer uma modalidade retórica visando a alcançar o propósito e a construção de sentidos entre seus interlocutores. Dessa maneira, as informações apresentadas no texto são tecidas muito além de suas margens, exigindo do leitor um diálogo permeado pelo compartilhamento linguístico e extralinguístico.

Ampliando essa visão para o universo tradutório, questões sobre compartilhamento de informação, gênero textual, modalidades retóricas, propósito comunicativo tornam-se imprescindíveis no processo de reescrita, implicando olhar além dos elementos textuais; sendo o texto uma manifestação real da comunicação discursiva estará impregnado de elementos extratextuais. Assim, no processo tradutório a manifestação linguística não coincide universalmente com qualquer outra criatividade tecnológica, pois de acordo com Ponzio (2009, p. 110), fundamentado na teoria bakhtiniana, a palavra carrega sua função social e o social não é abstrato ou genérico, mas uma construção historicamente organizada pela cultura. Essa visão também é ampliada por Brait e Melo (2008, p. 67) ao afirmarem que as particularidades da enunciação integram a situação e um contexto maior histórico que antecedem o enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante.

Para Bakhtin (2003, p. 306) a língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos e formais

– lexicais, morfológicos, sintáticos. No entanto, eles só se tornam reais num enunciado concreto, pois a escolha desses recursos é determinada pelo falante, seu propósito comunicacional e sob influência do destinatário.

Dessa visão do texto e sua função comunicativa qualquer software de tradução, por mais sofisticado que seja, exigirá intervenção humana constante no processo tradutório, considerando a relação dialógica texto-leitor. Na elaboração do texto traduzido implicará o movimento e diálogo do leitor destinatário, de outra cultura com outras faces e perfis, cuja compreensão abriga os recursos linguísticos e o contexto. Com efeito, Bakhtin (2003, p. 298) destaca as tonalidades dialógicas do enunciado oriundas “no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros” e que se refletem nas expressões do pensamento humano. Nesse sentido, apenas um tradutor profissional que compartilhe desses propósitos paradigmáticos é capaz de detectar e resolver problemas de construção sintática e alternativas lexicais adequadas ao propósito final do texto para o leitor-alvo.

Conforme Kleiman (1989), a leitura é um processo interativo onde o leitor, na elaboração do significado do texto, utiliza diversos níveis de conhecimento que interagem constantemente entre si, relacionados com seu conhecimento de mundo, conhecimentos linguísticos, textuais (gêneros e modalidades retóricas), semânticos, pragmáticos, etc. Do ponto de vista da tradução, ampliamos esses à luz do funcionalismo alemão. Nord (1991) afirma que traduzir envolve não só o domínio do código, como também das culturas das línguas; portanto, o tradutor deve ser bilíngue e também bi cultural somado à consciência sobre o processo de trabalho em si.

Nord compreende o ato tradutório como comunicação intercultural, envolvendo *emissor*, *tradutor* (mediador entre culturas) e *receptor* (leitor final), partindo de três eixos: i) todo texto (traduzido ou não) está inserido numa situação comunicativa; ii) toda produção textual, com algumas exceções, é essencialmente prospectiva, voltada a um leitor final que traz consigo experiências e expectativas de outros textos e, iii) todos têm uma

função (*skopos*) concretizada no momento da leitura, condição determinante da (re)textualização.

O fato de a tradução ser um ato-comunicativo-em-situação e um processo prospectivo torna o ato tradutório culturalmente marcado, visto que os textos também trazem marcas (referências) culturais para o leitor, dependendo do contexto de partida e chegada. O *Receptor* define, assim, o *skopos* (propósito), estratégias, escolhas e decisões do tradutor ao longo do processo. Isso porque a tradução, segundo Nord (1997, p. 1), não ocorre primordialmente no nível da cultura na qual o *Receptor* está inserido. Nesse sentido, a prioridade é fazer com que os textos funcionem culturalmente para o leitor, ou seja, que adquiram sentido estabelecendo uma ponte entre fatos previamente conhecidos e os novos, adquiridos através da leitura. Essa ponte é construída através do que Zipser (2002) denomina ‘marcas culturais’, referências marcantes da cultura do Emissor e do Receptor, presentes no texto. Nord (1991) defende, assim, a análise dos elementos linguísticos e contextuais dos textos, advertindo que, embora tais fatores pareçam óbvios, essa sistemática promove uma reflexão acerca da condução do processo, permitindo ao tradutor avaliar a qualidade do seu trabalho permanentemente. As variáveis sistematizadas por Nord (1991) não só conferem autonomia e propiciam a decisão ao tradutor, como também revelam a complexidade do ato tradutório.

Tais critérios envolvem elementos extratextuais (FE) acerca da situação comunicativa, moldura histórico-social de recepção do TF e produção do TT: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e função e também elementos intratextuais (FI), constituintes internos articulados para veicular a mensagem: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe, elementos suprasegmentais e efeito. Esses fatores são interdependentes, ou seja, qualquer modificação em um desses níveis afeta os outros inevitavelmente. Essa ‘recursividade’ é o que permite ao tradutor (e aos alunos) avaliar suas escolhas e decisões ao longo de todo o processo dentro ou fora de sala de aula. Ressaltamos que os preceitos de Nord (1991) alertam tradutores e profissionais da

linguagem para o uso das ferramentas automáticas e suas limitações no processo tradutório e na elaboração do texto traduzido em razão de o processo tradutório ser responsável pela função maior da tradução: comunicar a informação ao leitor destinatário, respeitando seu contexto cultural, seu campo discursivo e as especificidades designadas por ele. Os conceitos defendidos por Nord aproximam-se aos de Bakhtin sobre o texto e suas práticas sociais, pois ao nos movermos socialmente tecemos textos entrelaçando fatores intra e extratextuais.

No artigo *A lógica do tradutor automático*, Perissé (2009) destaca os equívocos e “aberrações” causadas quando o processo de tradução é confiado inteiramente à máquina sem a intervenção de um profissional qualificado para tratamento do texto. Perissé apresenta resultados de ferramentas de tradução aplicadas a fragmentos de textos. O primeiro, recorte de um livro traduzido por Mario Quintana, foi colocado em um tradutor online, enquanto sobre o segundo fragmento, recorte de uma obra de Baudelaire, foi aplicado um software de tradução pessoal, ou seja, não disponibilizado online. Os resultados dessas duas experiências exemplificam as confusões desses “tradutores” com desinências de número (plural/singular), desvios semânticos, terminológicos, deslocamentos sintáticos entre outros.

### **Descrição da atividade, reflexões e resultados**

Motivadas pelos resultados obtidos na pesquisa de Perissé (2009, 2012), desenvolvemos uma atividade similar em sala de aula para a disciplina de prática da tradução dos alunos do Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.

Tendo em vista a diversidade de domínios de línguas estrangeiras dos alunos matriculados nas aulas de tradução, uma de nossas preocupações foi não só proporcionar uma prática significativa e enriquecedora aos alunos, como também contemplar essa diversidade linguística de modo a tornar a prática tradutória a mais diversificada possível para discussão e reflexão. Neste caso, tínhamos como línguas de domínio: espanhol, inglês e alemão, totalizando 25 alunos.

O objetivo da atividade foi não apenas proporcionar a prática efetiva da tradução em sala de aula, de acordo com a ementa da disciplina, como também oportunizar a reflexão acerca de enfoques sobre a tradução vista como processo e produto, além do papel do tradutor no que diz respeito ao uso de tradutores automáticos e ferramentas de tradução assistida por computador (CAT Tools). Para iniciar as reflexões, os alunos fizeram a leitura e discussão dos artigos sobre tradução automática (PERISSÉ, 2009, 2012) como apoio para as avaliações que seriam feitas sobre versões (em inglês, espanhol e alemão) de um texto-referência em português, produzidas a partir de uma ferramenta de tradução automática online. Os alunos deveriam retextualizar, comentar e comparar essas versões num momento subsequente da atividade.

O primeiro passo foi selecionar um texto-referência, em português, para ser aplicado ao tradutor automático nas diversos idiomas e disponibilizar aos alunos. Para essa seleção levamos em conta que a maioria dos alunos era da capital catarinense ou já vivia há algum tempo na cidade, o que nos levou a selecionar um texto sobre Florianópolis pensando em facilitar a apreensão do contexto informacional e o compartilhamento de fatores extratextuais. Em outras palavras, pressupomos que, ao compartilharem um mesmo conhecimento de mundo, os alunos poderiam detectar mais facilmente eventuais estranhezas ou desvios semânticos, sintáticos e/ou pragmáticos. Buscamos um texto disponibilizado online, em sites especializados, priorizando o contexto turístico da cidade. Como nenhum texto apresentava um volume expressivo de informações, ou seja, não mais do que um parágrafo ou a descrição de uma fotografia, optamos por selecionar pequenos trechos informativos de diferentes sites sobre opções turísticas em Florianópolis. Esses recortes formaram então o *corpus*<sup>1</sup> a ser traduzido pela ferramenta online, que em nossa proposta foi o Google Tradutor em razão de sua popularidade junto aos alunos como público usuário de Internet

---

<sup>1</sup> Guia Floripa <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/>; Bela, Santa Catarina <http://www.belasantacatarina.com.br/florianopolis/>, ambos acessados em: 18 ago. 2012.

em geral. O texto-referência foi assim vertido para as três línguas de domínio já mencionadas, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Textos utilizados para prática em sala de aula

<b>Texto-referência – português</b>	<b>Texto-alvo – (traduzido) inglês</b>	<b>Texto-alvo – (traduzido) espanhol</b>	<b>Texto-alvo – (traduzido) alemão</b>
Florianópolis é encantadora, excepcionalmente bela.	Florianópolis is charming, exceptionally beautiful.	Florianópolis es encantador, de excepcional belleza.	Florianópolis ist bezaubernd, besonders schön.
Uma cidade moderna, onde o novo e o antigo convivem de maneira harmoniosa.	A modern city, where old and new live together harmoniously.	Una ciudad moderna, donde los antiguos y nuevos vivir juntos en armonía.	Eine moderne Stadt, wo alte und neue leben harmonisch zusammen.
Na Ilha da Magia vivem e trabalham pessoas dos quatro cantos do mundo	In the Magic Island living and working people from all over the world	En la Isla de la Magia viven y trabajan personas de todo el mundo	Im Magic Island leben und arbeiten Menschen aus der ganzen Welt,
que uma vez estiveram em Floripa e se apaixonaram pelas praias deslumbrantes lagoas, morros verdes e pelo povo hospitaleiro, o famoso Manezinho da Ilha.	that once were in Floripa and fell in love with the beautiful beaches, lakes, green hills and the friendly people, the famous Manny Island.	que una vez que estaban en Floripa, y se enamoraron de las hermosas playas, lagos, colinas verdes y la gente amistosa, la famosa Isla de Manny.	die einst in Floripa und verliebte sich in den schönen Stränden, Seen, grüne Hügel und die freundlichen Menschen, der berühmte Manny Island.
Floripa agrada vários tipos de turistas,	Floripa like various types of tourists,	Floripa, como diversos tipos de turistas,	Floripa wie verschiedene Arten von Touristen
desde quem procura paz e tranquilidade até jovens que querem festas e muita diversão, ou mesmo esportistas em busca de aventuras	from those seeking peace and tranquility to people who want to party and lots of fun, or even athletes in search of adventure	de los que buscan paz y tranquilidad a la gente que quiere a la fiesta y mucha diversión , o incluso los atletas en busca de aventuras.	von denen die Frieden und Ruhe an Leute, die Partei und wollen viel Spaß, oder auch Sportler auf der Suche nach Abenteuer.
São mais de dez festas por todo o Estado	Are more than ten parties throughout the state.	Son más de diez partidos en todo el estado.	Sind mehr als zehn Personen in der gesamten Staat.
Para escolher em qual local da ilha a sua estadia combina mais com seus objetivos pessoais,	To choose which location of the island combines your stay more with your personal goals,	Para elegir las ubicaciones de la isla combina su estancia más con sus metas personales,	Um die Lage der Insel wählen Sie verbindet Ihren Aufenthalt noch mit Ihren persönlichen Zielen
o Guia organizou um roteiro com as principais características de cada região da cidade,	the Guide organized a script with the main characteristics of each neighborhood.	la Guía organizó una secuencia de comandos con las características principales de cada barrio.	die Führer organisiert ein Skript mit den wichtigsten Merkmale der jeweiligen Nachbarschaft
Fique próximo do que você procura e não se estresse em seu período de férias!	Stay close to what you seek and do not stress on your vacation!	Manténgase cerca de lo que buscan y no el estrés en sus vacaciones!	Blieben Sie, was Sie suchen und nicht auf Ihren Urlaub Stress!

Como segundo momento, nosso objetivo inicial era propiciar um olhar mais analítico sobre as traduções para suscitar futuras discussões. Os alunos receberam o *corpus* traduzido na sua língua estrangeira (LE) de domínio, sem saber que se tratava de versões, apenas com a seguinte instrução: ler os textos com um olhar crítico e justificar qualquer comentário que eventualmente lhes parecesse pertinente no resultado da elaboração do texto. Após a leitura, imediatamente, os alunos detectaram uma série de estranhezas, sendo que alguns pediram o compartilhamento das versões em outras línguas para auxiliá-los na compreensão do conteúdo informacional. Em grande grupo, os alunos compartilharam tais estranhezas e desvios debatendo sobre as dificuldades de compreensão do texto, embora portadores de um conhecimento prévio sobre o conteúdo. Após conclusões construídas pelo grupo, levantaram a hipótese de não serem textos originalmente escritos naquelas línguas e sim prováveis traduções feitas por alguma ferramenta automatizada, tendo em vista os desvios produzidos. A terceira etapa da atividade foi solicitar aos alunos que procedessem à tradução do *corpus* em LE para o português ainda sem revelar que esta era a língua base do texto-referência, os fragmentos informativos de diferentes sites sobre opções turísticas em Florianópolis. Nessa etapa da atividade, muitos alunos recorreram a mais de uma versão do *corpus*, consultando as diversas versões dos colegas, para desvendar os trechos considerados problemáticos e/ou incompreensíveis.

Dos trechos sinalizados pelos alunos como confusos, problemáticos e/ou de difícil compreensão, nas três línguas vertidas pela ferramenta do Google, os recorrentes foram aqueles envolvendo marcas culturais locais ou mesmo sintáticas como, por exemplo, na oração “*o famoso Manezinho da Ilha*”, vertida nos idiomas inglês, espanhol e alemão da seguinte forma:

*ING.: the famous Manny Island*

*ESP.: la famosa Isla de Manny*

*ALE.: der berühmte Manny Island*

O termo *Manezinho* faz referência àquele que é nativo da cidade de Florianópolis, cujo modo de falar é bastante característico na região e se aproxima ao sotaque dos imigrantes portugueses vindos das Ilhas do Açores. Essa inferência cultural por parte do tradutor é necessária para que possa ofertar ao leitor do texto-meta, a dimensão do termo e as suas implicações culturais do texto de origem, já que em outras regiões brasileiras o mesmo termo é utilizado para designar de modo pejorativo uma pessoa que mora em uma cidade interiorana ou no campo. Também, o complemento *da Ilha* exige do tradutor aportar à expressão que se trata de Florianópolis, ilha de Santa Catarina. Porém, ao traduzir o termo, o tradutor automático apenas decodifica as palavras que estão em seu entorno e que compõem a estrutura oracional, buscando uma lógica sintática e através dela uma concordância de gênero que “atropela” as questões culturais e distorce o significado do texto.

Podemos constatar na tradução dos três idiomas, que ao não lidar com as questões culturais o tradutor automático busca um nome próprio – *Manny* – para o termo *Manezinho* e, conseqüentemente, houve um deslocamento do nome (*manezinho*) e seu complemento (*da Ilha*). O texto em inglês parece apenas traduzir literalmente as palavras da oração em português – *o famoso Manezinho da Ilha/ the famous Manny Island* – não atentando para a organização sintática do português, atribuindo outro significado e ao criar um nome próprio, cria um novo espaço geográfico *Manny Island*. Na língua espanhola, devido a essa inversão sintática, além da mudança de gênero em sua adjetivação, também um novo espaço geográfico, ocorre a invenção de um novo sujeito da oração – *o famoso Manezinho / la famosa Isla* – o que não corresponde com a informação original e tampouco com o propósito comunicacional do texto-fonte. No alemão, a palavra *Insel* – *ilha em alemão* – nem aparece traduzida, permanecendo a expressão *Manny Island* – construção da tradução em inglês, que supostamente é tratada como uma expressão “estrangeira” pelo tradutor automático. Por outro lado se a tradução da máquina apresentasse a palavra *Insel* implicaria em um erro de concordância de gênero, uma vez que

*Insel* (ilha) em alemão é feminino. Após essas análises, podemos destacar junto aos alunos que, para a construção do significado do texto, o contexto cultural é determinante para transpor ao texto-meta o mesmo diálogo entre texto/leitor do texto-fonte, o que exige do tradutor um trânsito contínuo entre a cultura-fonte e a cultura-meta, reafirmando as ideias de Nord quando ressalta que é uma das prioridades do tradutor garantir que os textos funcionem culturalmente para o leitor.

Outra questão detectada pelos alunos faz referência à literalidade gramatical apresentada no texto-fonte. Por não conseguir identificar o contexto de uso e sem considerar os diálogos necessários com o gênero textual pertinente, o tradutor não apresenta um sinônimo ou outro termo mais significativo ao léxico empregado no texto e, provavelmente, recorre a um banco de dados limitado. O tradutor automático emprega para o idioma inglês o verbo *to like* como sinônimo de *agradar* o que provoca um tipo de reação em cadeia para todas as outras línguas. O exemplo em português dizia: *Floripa agrada vários tipos de turistas*.

ING.: *Floripa like various types of tourists,*

ESP.: *Floripa, como diversos tipos de turistas,*

ALE.: *Floripa wie verschiedene Arten von Touristen*

Em inglês, podemos observar que se *Floripa* representasse um sujeito humano, o verbo *like* poderia ser usado com o “s” característico da terceira pessoa. Da maneira como o verbo *like* foi traduzido pelo tradutor automático, subentendemos uma comparação, ou seja, entenderíamos em português “*Floripa, assim como diversos tipos de turistas (...)*” aproximando-se da versão em espanhol que em sua construção sintática personifica *Floripa* como uma turista ao apresentar o aposto – *Floripa, como diversos tipos de turistas*. Caso o tradutor compartilhasse que *Floripa* é um apelido afetivo dado por seus moradores à Ilha de Santa Catarina, uma abreviação popular para tratar a cidade de Florianópolis, a comparação correta seria comparar *Floripa* com outras cidades e não com turistas. O tradutor, nesse caso, não é capaz de realizar essa inferência, empregando apenas o termo

correlato mais próximo do que identifica a partir da língua fonte. Cabe destacar, também, que o tradutor automático busca uma lógica sintática da língua portuguesa – *Floripa agrada vários tipos de turistas* – e se distancia da organização oracional da língua espanhola mais utilizada para esse gênero textual e contexto situacional de comunicação. Uma opção seria a construção: *A los turistas les gusta/encanta Floripa*.

Outro trecho considerado problemático detectado pelos alunos foi este em português: *Para escolher qual local da ilha a sua estadia combina mais com seus objetivos pessoais*. Os correspondentes nas demais línguas são:

*ING.: To choose which location of the island combines your stay more with your personal goals (...)*

*ESP.: Para elegir las ubicaciones de la isla combina su estancia más con sus metas personales (...)*

*ALE.: Um die Lage der Insel wählen Sie verbindet Ihren Aufenthalt noch mit Ihren persönlichen Zielen (...)*

Se as versões já se mostravam confusas, o texto referente em português também se mostrou comprometido. Isso fez com que os alunos refletissem se o próprio texto em português era simplesmente deficiente na sua escrita ou, talvez, não tivesse sido escrito por alguém conhecedor da ilha ou ainda fosse ele mesmo traduzido a partir de algum outro escrito em língua estrangeira. Como esses caminhos são quase que impossíveis de serem rastreados e, também como não era o nosso objetivo, retomamos as análises observando que o programa do tradutor automático interpreta de modo indistinto o uso de adjetivos e advérbios, tendendo simplesmente a traduzir de modo linear as sequências das palavras apresentadas na língua fonte ou das estruturas das línguas, como nos mostra o exemplo em inglês. Mesmo podendo ser melhorada, a primeira parte *To choose which location of the island* ainda se mostra aceitável, mesmo não sendo ideal. O restante, no entanto, é invertido *combines your stay / a sua estadia combina* mantendo-se a estrutura SVO da língua inglesa. O sentido restante da frase acaba, portanto, tão

confuso quanto literal. Uma possibilidade, dentre tantas, seria: *To choose the best place to stay, according to your needs.*

Em espanhol o texto traduzido se apresenta como uma grande confusão léxica, sintática e semântica, o que causaria um estranhamento do leitor de língua espanhola. Uma estrutura possível ao propósito oracional e gênero seria: *Para alojarte puedes elegir un local en la Isla que más se acomode a tus gustos y necesidades.* Já em alemão, a confusão léxica, sintática e semântica que se observa no espanhol também ocorre e o leitor possivelmente não saberia o que fazer com as informações desse fragmento textual. Inicia com erro de colocação da informação acerca do local na ilha – *Um die Lage der Insel* – não consegue passar essa informação; e, se faz seguir de erros e inadequações que antes levariam a pensar que a localização da própria ilha teria alguma influência com as preferências pessoais, ou seja, o aspecto de *qual local da ilha a sua estadia combina mais com seus objetivos pessoais* se perderia completamente. Uma possível opção para essa informação seria: *Sie können auf der Insel einen Ort wählen wo Sie sich richtig wohl fühlen und bleiben wollen.*

Um último exemplo relacionado à semântica, avaliado como unânime pela confusão gerada, relaciona-se com o termo *festas*. Em português temos: *São mais de dez festas por todo o estado.* Nas demais línguas, as traduções foram as seguintes:

*ING.: Are more than ten parties throughout the state*

*ESP.: son más de diez partidos en todo el estado*

*ALE.: Sind mehr als zehn Personen in der gesamten Staat*

Isso ocorre em função de que quando se trata de pares de línguas muito distantes entre si sintaticamente, as estruturas são niveladas para o que for mais próximo – a referência padrão – deslocando, portanto, todo o significado do texto, conforme ocorre em muitos trechos do texto em alemão. Aqui, a referência do texto-fonte ao termo *festas/festividades* reporta às celebrações culturais das comunidades do estado catarinense; porém, no texto traduzido à língua espanhola o leitor é remetido para outra ideia quando a escolha é o termo *partidos*, sendo a inferência natural do leitor hispânico a relação “*partidos políticos*” (partidos

políticos) ou “*jogos de futebol*” (*partidos de fútbol*). Percebemos que a falta de compartilhamento do contexto cultural e conhecimento do gênero textual mais uma vez interfere na escolha léxica do espanhol, pois tanto nos países hispano-americanos como na península espanhola existe o termo *fiestas* com a mesma intenção do português: *Fiesta del Sol*, *Fiesta de San Isidro*, etc. Também, o leitor de língua espanhola teria dificuldade em inferir significado à palavra *estado* pois para divisões políticas geográficas, são utilizadas com mais frequência as expressões *provincia* e/ ou *departamento*. Em alemão, houve um deslocamento de sentido ainda mais significativo, novamente carregado de erros de concordância de gênero, pois o tradutor automático nos apresenta a tradução da palavra *festas* para *peessoas*, indicando que, *seriam mais de dez pessoas pelo estado, como um todo*, o que desvia por completo a informação pretendida, quando, na verdade, a língua alemã oferece as palavras *Fest*, ou *Feier* para designar festas e festividades. Mesmo em inglês, o termo *parties* não traduz a ideia de festividades locais – *festivities* –, mas sim de grupos políticos. Também, o *there* de *there is/are* (verbo: haver) desaparece na frase *Are more than*.

Dessa atividade, é possível tecermos, portanto, algumas considerações a respeito das operações (ou falta de) mais visíveis do tradutor automático:

- A semântica dos adjetivos é perdida, visto que o tradutor automático não distingue estilística ou figuras de linguagem, por exemplo;
- Questões culturais, como “Manezinho da Ilha” são solenemente atropeladas, distorcendo o foco do *sujeito oracional* e, conseqüentemente, deslocando o propósito textual. A falta de referências locais e/ou culturais são totalmente apagadas e não serão resgatadas pelo leitor/tradutor se este não dispuser de um bom conhecimento prévio cultural/local do assunto/tema em questão;
- Determinadas expressões em língua estrangeira não são traduzidas – encontra-se o referente padrão ou mais próximo;

- Os tempos verbais são invariáveis: “*are more than*” sem o “*there*”; “*Floripa like*” sem o “s” de terceira pessoa o que transforma o verbo (caso estivesse adequado) em conjunção “Floripa, como diversos turistas”;
- A sintaxe geralmente apresenta sérios problemas de estruturação para as línguas como o alemão, por exemplo, cuja estrutura sintática é bem distinta dos demais idiomas trabalhados (inglês, português e espanhol), comprometendo seriamente a informação pretendida, ou chegando a inviabilizar a tradução muitas vezes. Porém, a proximidade das línguas como espanhol e português leva, também, a equívocos sintáticos graves que comprometem a compreensão textual.

Nesse sentido, nem mesmo a escolha por um contexto familiar e cultural mais próximo dos alunos, o que poderia conferir maior legibilidade às versões, foi suficiente para preencher todos os desvios produzidos pelo tradutor automático. A última etapa foi a leitura das retextualizações produzidas pelos alunos que ficaram muito próximas umas das outras por duas razões: i) a estratégia de recorrer a mais de uma versão em língua estrangeira para poder traduzir o que estava obscuro em uma versão; ii) as inferências dos alunos, devido ao conhecimento prévio, no contexto informacional do *corpus*, isto é, os pontos turísticos, léxico e o gênero textual (texto turístico) empregados.

Tais exemplos demonstram que a lógica do tradutor automático inviabiliza, muitas vezes, a tradução/versão entre pares de línguas muito distantes entre si como é o caso, por exemplo, do alemão e do português e que, mesmo entre pares próximos como português-espanhol as traduções/versões não estão livres de estranhamentos e distorções. Isso porque o tradutor automático faz uso de uma referência padrão no seu sistema de programação, deslocando significados. Nesse sentido, o trabalho do tradutor humano é duplo, pois além de realizar o seu trabalho de tradução, propriamente dito, precisa reconstruir fragmentos mal elaborados de modo a resgatar o sentido original ou mais próximo daquele pretendido pelo autor

ou característico do gênero textual em questão. Portanto, para aqueles que estudam línguas e/ou tradução, o mais seguro é não confiar plenamente nas ferramentas de tradução; a intervenção humana jamais deve ser desconsiderada mesmo trabalhando com ferramentas de tradução assistida. As ferramentas de tradução automática, como o Google, Bing e outras, são notoriamente úteis pela rapidez com que permitem ao leitor acessar o conteúdo informativo em línguas diversas – mas apenas superficialmente.

A atividade proposta aos alunos também os ajudou a refletir sobre a importância da intervenção do tradutor humano no resultado final, dadas as limitações dos programas para lidar com as nuances e a dinâmica das línguas, e a desmistificar que o desenvolvimento das tecnologias de informação e das ramificações de pesquisas em IA poderia diminuir a formação de tradutores profissionais, visto que os programas de tradução tenderiam, cada vez mais, a evoluir para algo próximo de um tradutor humano.

Acreditamos que por mais evoluídos que os aplicativos, programas e bancos de dados sejam, essa substituição não acontecerá, a exemplo do que já não ocorreu com livros e jornais na era dos *tablets* e dos *E-books*. O importante será que os profissionais tradutores conheçam e dominem essas tecnologias, implementando-as à sua rotina profissional, valendo-se delas para cumprir os prazos sempre curtos, dar conta da demanda sempre crescente de trabalho, além de confirmar que a maestria da palavra jamais será pasteurizada pela (i)lógica de qualquer inteligência artificial.

### **Considerações finais**

Essa atividade é apenas uma dentre as muitas possibilidades de tratamento do tradutor automático em sala de aula. Também fica evidenciado que o tradutor automático pode servir como uma ferramenta de auxílio para alunos e tradutores, mas apenas para um entendimento parcial do texto, pois

definitivamente não substitui de forma alguma a presença ou o trabalho do tradutor humano.

Uma tradução de qualidade, em termos de adequação ao leitor, ao contexto, às estruturas sintáticas e à semântica da língua só é possível através da capacidade humana de identificar aspectos e nuances da língua, até mesmo as fonéticas. Acreditamos que mesmo que um dia exista um programa de computador tão próximo aos processamentos mais elaborados da mente humana, ainda assim será um programa de pensamento exclusivamente linear, sem a interferência de esquemas cognitivos de memória e de associações através desses esquemas. Em outras palavras, a lógica do tradutor automático desconhece e não contesta o entorno sócio-histórico-cultural.

A atividade também proporcionou aos alunos reflexões sobre os elementos de textualidade – coesão, coerência, intencionalidade, aspectos gramaticais e discursivos e consciência da importância do reconhecimento do gênero textual, sua audiência e a modalidade retórica na construção do sentido do texto-meta.

## Referências

- ALFARO, C.; DIAS, M. C. P. Tradução automática: uma ferramenta de auxílio ao tradutor. *Cadernos de Tradução*, v. 1. n. 3, p. 369-390, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. SP: Contexto, 2008.
- GARRÃO, Milena de Uzeda. Tradução automática: ainda um enigma multidisciplinar. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 5., 2001, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2001. v. 5. p. 8-12. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ11\\_05.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ11_05.htm). Acesso em: 18 ago. 2012.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.
- NORD, Christiane. *Text analysis in translation*. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi. Tradução: Christiane Nord e Penelope Sparrow, 1991.

NORD, Christiane. *Translating as a purposeful activity*. Functionalist approaches explained. Manchester: St. Jerome, UK, 1997.

PAVÃO JÚNIOR, Jadyr. A língua do Google. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/050510/lingua-google-p-122.shtml>. Acesso em: 18 ago. 2012.

PERISSÉ, Gabriel. A lógica do tradutor automático. 2009. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/45/artigo248640-1.asp>. Acesso em: 18 ago. 2012.

PERISSÉ, Gabriel. Na linha de montagem da tradução. 2012. Disponível em: [http://www.perisse.com.br/Artigo\\_traducaoabril2012\\_montagem.html](http://www.perisse.com.br/Artigo_traducaoabril2012_montagem.html). Acesso em: 18 ago. 2012.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2009.

SAID, Fabio. O mundo é dos tradutores. Disponível em: <http://fidusinterpres.com/translation/especial-traducao-da-revista-lingua-portuguesa-brazilian-magazine-featuring-articles-on-the-translation-industry/>. Acesso em: 18 ago. 2012.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Recebido em 2 de setembro de 2012  
e aceito em 20 de novembro de 2012.

**Title:** *(Re)acquainting translation with the classroom environment: a practical experience with an online automatic translator*

**Abstract:** *This paper proposes some reflections about translation practice with online automatic translators taking into account results obtained through an activity carried out with undergraduate Language students at the Federal University of Santa Catarina. At first, we present a historical overview about automatic translation practice, pointing out differences between digital and computer-assisted translation (CAT) tools. Secondly, we discuss the meaning construction process within the translated text, which is hardly ever accomplished by such modality of translation, based on Bakhtin (2002) and Nord's (1991) theoretical approaches. We then describe the classroom activity developed from a reference text in Portuguese, which was translated into English, Spanish and German using the online Google Translator program. From the German functionalist perspective for translation studies, the paper highlights syntactic, semantic and pragmatic restrictions within the texts produced by Google Translator and the implications of such limits to the translation process and the translator's work as well.*

**Keywords:** *Automatic translation. Translation tools. Functionalist translation practice.*